

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos associados



ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 1 DE AGOSTO DE 1883.

N. 9.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1883.

Marquez de Pombal



(Conclusão)

endo alludido ao livro do Sr. C. Castello Branco, não desejo terminar este modesto trabalho, sem dizer algumas palavras com referencia a esse livro que eu considero producto de um espirito apaixonadissimo, porque dá bem a conhecer o intuito que o auctor teve de chamar a odiosidade sobre todos aquelles que tributaram veneração á memoria do Marquez de Pombal.

O Sr. C. Castello Branco é um grande artista; sabe descrever com muita arte as cousas que se lhe apresentam á vista ou á memoria; e por isso quando elle publica um livro sobre qualquer assumpto, embora a gente não concorde com as idéas d'este eminente escriptor, é obrigado a admirar a arte com que elle confecciona os seus trabalhos e a deixar-se enlevar pela simplicidade do seu estylo primoroso, resultante do profundo conhecimento que elle tem do idioma patrio.

No « Perfil do Marquez de Pombal » ha a descripção de uma corrida de touros do tempo de D. João V, na qual o Sr. C. Castello Branco, empregando a sua fantasia de romancista, consegue realçar o brilho, a belleza, a riqueza e tudo quanto havia de seductor na côrte do *Salomão portuguez*. Em seguida apresentamos o Marquez de Pombal, encarcerado no forte da Junqueira e enforcando na praça de Belem, essa aristocracia que fôra as delicias do imitador de Luiz XIV.

O Sr. C. Castello Branco, dando ao seu livro as côres que pallidamente acabamos de esboçar, não teve em vista senão fazer acreditar que os centenaristas de Pombal, não passavam de uns idiotas, dignos ainda de possuir aquelle celebre appendice de que fallam os *darwinistas* nos seus estudos sobre a origem do homem; ou por outra, os centenaristas de Pombal, no entender do Sr. Castello Branco, não são mais susceptiveis de raciocinar de que os *Anthropoides*.

O auctor do « Perfil do Marquez de Pombal » gosa de uma nomeada invejavel, em toda a parte onde se falla a lingua portugueza; os seus livros são procurados com sofreguidão e lidos com enthusiasmo; mas, exactamente por isso S. Ex., não devia abusar dos creditos de que gosa, julgando com injustiça os factos que immortalisaram o Marquez de Pombal como reforma-

dor. Embora S. Ex. tivesse a pretensão de amarrar ao pelourinho da execração publica a memoria do Marquez de Pombal, ella, superior a essa reprehensivel paixão de S. Ex., hade perdurar, aureolada pelos actos civicos do benemerito estadista, até á consummação dos seculos.

Porque é que os criticos detestam o Marquez de Pombal? E' porque elle foi energico? E' porque elle protegeu as industrias, restaurando as finanças da patria? E' porque elle decretou a expulsão dos jesuitas? E' porque elle concorreu com Voltaire, João Jacques e outros, embora por meios diferentes, para o facto da revolução franceza em 1789? Não.

Não é por nada d'isso.

O odio de alguns escriptores da actualidade ás reformas do Marquez de Pombal, procede, sem duvida alguma, da completa anarchia mental, resultante das escolas intermediarias, desde a velha philosophia metaphysica até ao moderno positivismo de Augusto Comte.

Estas duas ultimas escolas estão bem definidas; mas entre uma e outra ha innumeraveis *manias* philosophicas de que tem resultado os prejuizos espirituaes do nosso tempo e como consequencia d'esses prejuizos vemos os adeptos de Spencer a condemnarem homens como—Cesar, Frederico o grande, Pombal, Aranda e Florida Blanca; porque, segundo elles, estes genios foram nefastos ao progresso da humanidade.

D'ahi vemos os metaphysicos amaldiçoando-os a todos como hereges.

Finalmente vemos Augusto Comte e os sectarios conscienciosos da escola positivista, fundada por este excelso reformador das sciencias, elaborarem um calendario dos santos da humanidade no qual são qualificados os nomes de todos aquelles homens que, occupando eminentes posições na governação dos povos, concorreram esforçada e intelligentemente para o enfraquecimento dos instinctos egoistas e prepararam pela prompta execução dos seus planos reformadores, o reinado dos instinctos sympathicos. E' escusado dizer que os positivistas, reconhecendo em Pombal um dos mais illustres propugnadores da ordem social e consequentemente um homem em quem o *altruismo* dominava sempre os sentimentos egoistas, prestaram-lhe inteiro culto, incluindo-lhe o nome no calendario por elles offerecido á veneração da humanidade.

A' vista da divergencia das opiniões sobre os actos do Marquez de Pombal, o homem que quizer ser justo no julgamento d'este estadista eminente, não póde seguir as opiniões d'esta ou d'aquella escola.

O que tem a fazer todo aquelle que quizer escrever sobre tão importante assumpto?

Interrogar os factos no estado rudimentar, sem seguir as commentações d'este ou d'aquella escriptor, ajuizando dos factos segundo os recursos da sua mentalidade e os impulsos da consciencia propria, evi-

tando d'este modo os *lugares communs* de Spencer, de Darwin e de outros sabios da moda, de cujas citações andam cheios os trabalhos de critica moderna.

Mas deixemos o tal philoxera a que muita gente chama critica moderna e tributemos a nossa admiração ao excelso estadista Marquez de Pombal.

Admiro o Marquez de Pombal; porque elle, vivendo n'uma época em que a sociedade portugueza tocava o zenith da degradação moral, conseguiu regenerar-a iniciando-a no trabalho agricola, commercial e industrial.

Admiro o Marquez de Pombal; porque elle, sendo o unico homem a lutar com a fidalguia n'aquella época, conseguiu submeter-a aos seus designios.

Admiro o Marquez de Pombal; porque elle, estando Portugal ainda enfraquecido em consequencia dos esbanjamentos da Côrte do reinado antecedente, teve a energia precisa para obrigar o governo inglez a observar rigorosamente a lettra dos tratados entre Portugal e a Inglaterra.

Admiro o excelso estadista Marquez de Pombal; porque elle, estando Portugal ainda muito acabrunhado em consequencia da grande e horrorosa catástrophe de 1755, conseguiu reorganisar o exercito para repeller a invasão Franco-Hespanhola.

Admiro o Marquez de Pombal; porque elle, tendo cahido a cidade de Lisboa em consequencia de um abalo subterraneo e sendo em seguida devorada pelas chammass de um incendio horrivel, fez renascer das cinzas e destroços da velha cidade *Julia*, uma nova cidade mais elegante.

Admiro finalmente, a resignação do benemerito estadista Marquez de Pombal; porque elle, decahido do poder por occasião da morte de D. José em 1777, soffreu até á hora da morte, sem se queixar, os golpes vingativos da reacção jesuitico-aristocratica que era protegida pelo nefasto carolismo da rainha D. Maria I, a louca.

Em 8 de Maio de 1782, o Marquez de Pombal desapareceu do mundo e reapareceu na historia.

Rio, 30 de Abril de 1883.

ANTONIO DE SÁ.

MAS CASAR...!

A' MINHA VISINHA

Eu não sei o que tu queres
Quando me olhas tanto assim!
Sentirás amor por mim?
Se sim, peço que moderes
O teu impeto, menina,
Pois que eu cá sou tão sovina
Que não chego p'ra mim mesmo;
E se não, dá outro rumo
Aos olhares, pois costume
Não servir de alvo á esmo.

E's bonita; namorados
Has de ter sempre aos montões:
Para esmagar corações
Basta-te olhar para os lados.
Eu recuso, mas que importa?
Vae bater a outra porta
Que alguém ha de aceitar.
Olha: — põe isca no anzol
Mostra as pastinhas ao sol
E... eia!... Toca á pescar!

Tu bem vês, eu não te odeio,
O que eu quero é, simplesmente,
Não aguentar, de repente,
Uma sova. E' o que receio.
Se não fôra isso, eu juro
Que, se não estava seguro,
Ao menos não me importava.
Deixava olhar para mim
Até cançares, e assim
Nem estes versos forjava.

Mas, meu bem, isto de sóvas
Põe a pulga atraz da orelha!
Além d'isso, é cousa velha
E eu, p'ra mim, só quero novas.
Não é medo; — sou valente,
Mas christão, isto é, prudente,
E por Christo bebo os ares.
Mas quando isso acaso dá-se,
Eu, em vez da outra face,
Apresento... os calcanhares.

Ah! Já sei! Queres casar? !
Pois, meu anjo, isso é peor.
Eu prefiro o tal amor
Porque, enfim, pôde passar,
Mas casar!... O' coração!
Tem paciencia, isso é que não!
Pede tudo, meu derriço,
Pede tudo que quizeres.
Pede um throno, o mundo, os seres
Tudo, tudo... menos isso!

Um casal (ouves, ó bella?)
Come, bebe, deita e senta,
A vontade se apresenta
Sem ninguém chamar por ella.
P'ra comer, precisa o quê
E, como não ha quem dê,
Sempre custa algum dinheiro.
P'ra beber, embora agua,
Tem-se sempre a dura magua
De compral-a ao aguadeiro.

P'ra deitar precisa cama
E a cama requer um quarto
A' quem não quer, qual lagarto,
Passar a noite na lama;
P'ra sentar, quer-se cadeiras,
Mesmo bancos. De maneiras
Que (custando tudo *cobre*,
Sem contar in-la o vestir
E calçar) se reflectir
Não se casa quem é pobre.

A' vista d'isso, não quero,
De fôrma alguma, casar.
Tu me has de perdoar,
Mas ao menos sou sincero.
Procura outro rumo, pois,
Ou arranja outros anzoas
Que os que tens não são p'ra mim,
Olha, queres um conselho?
Vê se casar co'algum velho,
Que viverás bem assim.

Rio, Julho de 83.

Em todo o caso, sou justo
E louvo-te muito a franqueza,
Se bem que tenha em certeza
Que não disseste sem custo,
Mas disseste. E' o principal.
E eu estou grato por tal.
Tão grato que, sou capaz
De arranjar-te um casamento
Vantajoso e de espavento.
Qualquer um isto não faz!

Se acceitares o serviço
Estás casada, te digo
(Mas com outro e não commigo,
Que eu não caso! Nada d'isso!...)
Mas se o marido almejado
E' só este teu creado
E não outro, tem paciencia
Se na recusa eu persisto,
E vê outro, que desisto
De tão honrosa incumbencia!

ABEL PORTO.

CONFIDENCIAS



ONHEÇO perfeitamente que já não sou o mesmo homem d'outr'ora, quando o meu coração era singelo; quando ainda não era visitado pelo perverso general — Cupido.

Depois que este senhor poz cá o pé, passei por uma completa transformação: de simples paisano que era, tornei-me soldado; e agora — bem tarde, infelizmente — reconheço que de todos os militares, os peiores são os que militam no amor.

A julgar o soffrimento dos outros pelo meu, é horrivel o que elles padecem.

Eu te conto:

Depois que comecei a amar, não sei o que é ter uma hora de socego.

Em qualquer parte onde eu estiver, por mais alegre que seja a companhia dos meus amigos, a imagem d'ella apparece-me, como que vindo intimar-me para ir á sua presença.

E eu, escravizado a essa visão que me persegue, deixo os companheiros e obedeço á intimação, embora saiba que tal procedimento será estigmatizado pela minha consciencia...

Bom tempo aquelle em que a minha consciencia era vivaz e justissima: distinguia admiravelmente o bem e applaudia-o; conhecia o mal e castigava-o...

Da sua recta justiça, só os que eram criminosos é que se queixavam amargamente.

Os justos não.

Hoje, porém, não acontece assim: em cada homem vejo um rival, um inimigo.

O prisma, através do qual observo a sociedade, é por demais pessimista: muitas vezes penso que vivo entre barbaros, sendo eu o unico homem civilisado!

E tudo isto porque?

Porque o amor cegou-me a consciencia.

Mil vezes tentei recuar e não vêr mais o ente amado; não escutar as melodias de sua voz, nem sentir o effeito electrico de seus olhares.

Tentei mesmo esquecer-o, usando de meios que me enfraqueciam a memoria:

— Impossivel!

A sua imagem cada vez me apparecia mais bella, brilhando com maior intensidade.

Deslumbrava-me!

Agora, desenganado de encontrar remedio, deixo a molestia caminhar á solta, e espero resignadamente o momento de succumbir ao seu ultimo golpe.

Eis o lamentavel estado de meu espirito.
Se, com os teus conselhos, poderes melhoral-o, eu
te agradecerei.»

* * *

Ouvi a narração dos teus soffrimentos Moraes: é
identica ás que tenho ouvido de muitos enfermos.

Não tem sequer, para mim, o merito da originali-
dade.

Apenas nóto que tu conheces mais do que os ou-
tros a molestia que te domina.

Tanto melhor, porque será menos difficil a cura.

Porém, o tratamento?

Sei de um; mas não t'o indico, para que não me
tomes por algum dos barbaros que tu observas através
do prisma pessimista.

No estado de allucinação em que te achas, não é
prudente apresentar-te de chofre um tratamento realista.

Emfim, como tu me pedes conselho, eil-o, baseado
no estylo militar com que principiaste a tua narração:

Considera teu inimigo poderoso esse ente que te
inspirou um amor, do qual tem resultado as desven-
turas da tua existencia.

Logo que isto consigas, não trates de combater esse
inimigo, que seria inutil o combate: elle está bem pro-
vido para alcançar a victoria, porque dispõe de mais
perfidias.

Organisa, pois, uma retirada em regra.

Não retires depréssa e vergonhosamente, pois que
isso póde ser-te fatal.

Usa de estrategia: retirar, mas resistir sempre.

Faz isto habilmente e com paciencia, que em pouco
tempo, sahirás do campo movediço e doentio.

E se, quando chegares á terra firme, ainda com os
vestigios da insalubridade do terreno em que andaste,
algum mal intencionado vier dizer-te que foste fraco,
poder-lhe-has replicar que elle mente; porque, na reali-
dade, tu terás vencido o teu coração.

Ahi tens o conselho; segue-o, se o comprehen-
deres.

Agora ouve:

Pensas tu, que se eu tivesse a infelicidade de ser
affectado da molestia de que padeces, usaria de egual
remedio?

Quanto te enganas!

Eu? Nunca!

Em me vindo semelhante doença, não usarei de
meias medidas: recolho-me sem demora a um estabe-
lecimento hydrotherapico...

Será cortar o mal pela raiz!

J. REIS.

FIASCO

(A' AGOSTINHO DE MOURA)

TIRITAVA de frio syberiano
O pobre rapaz, o «Americano»,
Tinha róxas as mãos, qual mangarito,
E o nariz qual rocha de granito
Que pinga noite e dia sem parar.
Comtudo lá foi, (baco era o luar)
Fallar á sua amada, de amor,
No portão da chacara d'um doutor.
Elle dava o signal seu predilecto,
A aria do tenor do *Rigoletto*,
A que ella respondia com presteza
Cantando a *sublime marsehesa*.
N'essa noite porém (ó caiporismo!)
Uma preta com todo o seu cynismo
Ensaíada pelo pandego do doutor,
Respondeu ao signal e... oh! que horror!
E vem-se chegando... e... zás! e tráz!
Atira-se a ella o meu rapaz
Que, depois de beijal-a bem a farta,
Recua e blasfema: «*Raios te parta!*»

A. ONACIREMA.

A NOITE DE S. JOÃO

(Conclusão)



s nove horas da noite serviu-se a ceia que correu
animadissima, não só pela quantidade de brin-
des e cantigas, como pela excellencia das iguarias.

O vigario, se bem que em materia gastronomi-
ca não fosse um Vitellio, era o que vulgarmente se
chama—*um bom prato*; e por este motivo não são de
admirar as suas palavras dirigidas á D. Leonarda,
quando se retirou da mesa:

— Não sei o que é que tenho, comadre, que não
comi bem.

— Coitado!... algum *mal do baco*, quem sabe?

— Hum!... a cousa é cá no estomago...

— Quer tomar um *chásmho* de macella? Ha de lhe
fazer bem.

— Nada, nada! olhe, comadre, guarde-me um bo-
cadinho d'aquelle leitão para logo mais; talvez me venha
o appetite...

E sahiu.

Assim que se aproximou da fogueira, que ainda
ardia com força, o nosso vigario achava-se *curado*
completamente; deitou a mão ao violão e as notas sal-
taram agudas e ligeiras.

Ao mesmo tempo que alguns foguetes subiam ao
ar, foram distribuidos pelas senhoras e crianças al-
gumas variedades de fogos cambiantes e tão lindos que
deslumbavam.

O rufar do tambor, do *cachambú* e as cantigas dos
escravos eccoaram pelos ares com aquelle sentimento
que symbolisa os amargores da escravidão.

* * *

O modesto festejo proseguia animadamente.

A's quatro horas da madrugada, ao ouvir o primeiro
canto dos gallos, D. Leonarda exclamou satisfeita:

— Até que emfim! Meninas, ao poço!

— Ao poço! ao poço! ajuntaram todas ao mesmo
tempo.

E em menos de meio minuto o batalhão feminino
tinha desertado do terreiro e seguido para o alludido
poço que ficava nos fundos da habitação do major.

— Onde foram as senhoras? perguntou o Machado,
depois de procurar com os olhos o bello perfil de Car-
lotinha.

— Foram vêr a sombra, respondeu o major.

— Ah! Ah! Ah! gargalhou o escrivão; não acre-
dito nessas cousas, *seu* major!

— Nem eu, disse o Anacleto, mas ás vezes fico
mudo quando vejo certas cousas a que não daria credito
se fossem contadas; por exemplo... olhe para aquillo!...
Que ladrão de negro! E' admiravel, não é?!...

E todos os olhos se volveram para o lugar indicado
pelo velho boticario.

Na verdade, era admiravel o espectaculo horroroso
que se apresentava ao olhar de todos!

Um velho escravo, de estrutura gigantesca, dei-
xando transparecer nos labios um sorriso satânico,
depois de murmurar umas resas e uns benzimentos
inintelligiveis, atravessára a fogueira descalço, e os cre-
pitantes brazeiros nem sequer lhe tinham tostado os pés!

Os espectadores d'aquella tetrica scena achavam-se
mudos, embasbacados, excepto o major Dias que ria-se
ineffavelmente.

— E' um grande charlatão, explicou o fazendeiro,
tem os pés calejados e duros que nem uma pedra!

Em breve desapareceu da imaginação de todos esta
scena pavorosa, para responderem a uma interrogação
do major.

— Meus amigos, o que é feito do vigário ? Ha mais de meia hora que o não vejo !

Ninguém sabia responder.

— Quem sabe se o homem raspou-se ? perguntou o Machado.

— Qual ! observou o major, elle não é capaz d'isso.

E depois de meditar :

— Vamos procural-o... talvez tenha cahido por ahi com alguma congestão... come tanto !

E dispersou-se o grupo em procura do vigário.

O major Dias, que já havia adivinhado onde se achava o reverendo, tivera a cautelosa idéa de encaminhar-se apressadamente para a sala de jantar, onde encontrou-o muito entretido em dar cabo do resto da ceia.

— Compadre, o que estás fazendo ? perguntou o major em tom reprehensivo.

— O que vês ! Ando com muito fastio, homem !

E continuou a mastigar.

— E a missa de hoje, seu compadre ?

— Esta só lembra ao diabo ! exclamou enleiado o vigário, empurrando os pratos.

— Horror ! onde tinhas esse juizo, oh alma peccadora ? !

O vigário achava-se completamente mudo e atrapalhado.

— Pois você, um ministro da religião de Deus, esquece-se assim de seus sagrados deveres ? !

— Compadre, não me desmoralise, balbuciou o vigário, isto que fique aqui entre nós...

E ajuntou cynicamente, piscando um dos olhos :

— Foi uma fraquesa, foi...

E retiraram-se para a sala de visitas.

Quando se reuniram todos, explicou sorrindo o bom do major :

— O homem dormia aqui no sophá e roncava que nem um porco !

15—2—83.

AVELINO LISBOA.

* * *

DEIXANDO o mundo de dores,
De illusões e amarguras,
Zombando das desventuras,
Fui gozar d'outros amores.

Subi da terra ás alturas
Envolto em nuvens de odores
Do doce nectar das flores
D'um jardim d'altas venturas.

Hymnos de amor e poesia
De dulcissima harmonia
A brisa me segredava.

Subia sempre, e subindo
Bem alto fui, mas abrindo
Os olhos, vi que sonhava !

ARARY.

CALCULO

UM bom papa-jantares, o typo aprimorado da ostra, parasita, filante audacioso — andava um dia d'estes sisudo e cuidadoso inquieto, distraído, febril, preocupado.

Não tinha já nos labios o riso philauicioso, nem tinha já no rosto o gesto assucarado ; até no olhar manhoso, profundo, enviesado, luzia-lhe um problema, extranho e temeroso.

Deixei-me possuir de humano sentimento e perguntei-lhe a causa da dôr e da tristeza, que o pôz n'aquelle estado medonho que assusta.

E elle, despertando, encara-me um momento, e diz : — busco lembrar-me com calma e com certeza, quantas vezes, na vida, jantei á minha custa.

NEMO.

EM FALTA DE LYRA...

O vós que o som tiraes d'altas trombetas
Lamentando da tristeza a sorte amara !
Como vós fosse eu feliz também cantara
Lá nas regiões ethereas dos planetas.

O mundo dos amores eu decantara,
Em floridos idéaes de muitas petas :
Com delicado pincel, feias caretas
Em carinhas poeticas eu mudara

Mas não sorriu-me essa musa, a loira fada,
No meu berço, ou mesmo nos folguedos
Que por termo tinham rija bordoad.

Isento, pois, dos phantasticos segredos,
Esfalfado, busco em vão voz afinada
N'uma gaita d'uma loja de brinquedos.

Julho de 1883.

E. A. A.

EXPEDIENTE

Participamos aos Srs. socios, ás redacções dos jornaes que permutam connosco e ao publico em geral, que a secretaria do Centro Litterario mudou-se para a rua de S. Pedro n. 147, 1º andar.

Ainda durante o mez que findou recebemos os seguintes jornaes, cuja remessa continuamos a agradecer com todas as veras :

Desta capital : — *Revista Illustrada*, *Mequetrefe*, *Revista do Retiro Litterario Portuguez*, *Crusada*, *Gazeta Academica*, *Onze de Junho* (Revista da Sociedade Auxiliadora — Onze de Junho), *Bis-turi*.

Da provincia do Rio de Janeiro : — *Echo da Magdalena*, *Vassourense*, *Monitor Fidclense*, *S. João da Barra*, *Itatiaya*, *Rezendense*, *Tymburibá*, *Monitor Campista*, *Fluminense*, *Artista*, *Republica*, *Arauto*, *Contemporaneo*, *Diario Popular* e *Carris Litterarios*.

Da provincia de S. Paulo. — *Rio Branco*, *Tempo*, *Jornal da Tarde*, *Arauto de Lorena*, *Gazeta da Franca*, *Nortista*, *Opinião Liberal*, *Tribuna do Norte*, *Arado*, *Situação*, *Bananal*, *Parnazo*, *Jornal de Taubaté*, *Gazeta de Taubaté*.

Da provincia de Minas Geraes : — *Arauto de Minas*, *Echo do Povo*, *Monitor Uberabense*, *Gazeta de Uberaba*, *Rio Branco*.

Da provincia do Espirito Santo : — *Espirito Santense*, *Provincia do Espirito Santo*, *Horizonte*.

Da provincia do Rio Grande do Sul : — *Arauto das Lettras* e, depois de uma pequena interrupção, o *Lábaro*. A *Gazeta Mercantil* já não permuta connosco, o que deveras sentimos.

Da provincia do Ceará : — *O Cearense*.

Da provincia da Bahia : — *Regenerador*, *Preceptor*, *Guarany*. Não recebemos o *Cachoeirano*, ha muito tempo.

Da provincia do Pará : — *O Diario de Noticias*.

Da provincia de Sergipe : — *Espião*, *Guarany* e o *Democrata*.

Da provincia do Maranhão : — *Pacotilha*.

Da provincia do Pernambuco : — *O Ensaio*.

Da provincia de Santa Catharina : — *A Regeneração*.

Da provincia do Paraná : — *A Gazeta Paranaense* e o *Progreço*.

Da provincia das Alagoas : — *O Papagaio* e o *Estandarte*, que veio substituir o *Pandego*.

PORTUGAL. — Pelos paquetes entrados nos tem vindo ás mãos as publicações seguintes :

Elvense, *Districto de Beja*, *Sentinella da Fronteira*, *Gazeta da Beira*, *Sul*, *Districto de Faro*, *Aurora do Cavado*, *Sorvete*, *União*, *Primeiro de Janeiro*, *Jornal d'Estarreja* e o *Seculo*.

Acabamos de receber, do Recife, Pernambuco, o *Industrial*, importantissima Revista de industrias e artes.

Tem por fins principaes :

« Instruir, desenvolver, illustrar e habilitar, emfim, os industriaes no Brasil a tirar das industrias que exploram, todo proveito de que forem ellas susceptiveis ;

« Promover a realisação de industrias novas e ainda não exploradas no Brasil, que poderem constituir novas fontes de trabalho e riqueza publica e privada ;

« Defender e fazer manter os direitos e interesses legitimos das classes industriaes e operarias. »

Juntando a este esplendido programma, uma impressão primorosa e uma escrupulosa redacção, pôde-se fazer uma pequena idéa do que é o *Industrial*.

Foi-nos offerecida uma comedia intitulada *Os dous pretendentes*, imitação de uma outra de Scriber.

Ao seu intelligente auctor, o Sr. J. Ventura Boscoli, agradecemos a offerta.

Fomos honrados com o 1º numero de uma revista scientifica e litteraria intitulada *A Evolução*. Do seu primoroso artigo-programma deprehendemos que a elegante publicação quinzenal vem occupar lugar salientissimo na imprensa, porque é dirigida por pennas adextradas como as dos illustres escriptores — Srs. Dr. Ennes de Souza, Cavalcanti Villela e Arlindo Fragoso.

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda n. 31